

METODOLOGIAS DE INVESTIGAÇÃO SOCIO LÓGICA



PROBLEMAS E SOLUÇÕES
A PARTIR DE ESTUDOS
EMPÍRICOS

Coordenação
Manuel Lisboa

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
<i>Manuel Lisboa</i>	
CAPÍTULO I	11
Metodologias de investigação e construção do campo da Sociologia	
<i>Manuel Lisboa</i>	
CAPÍTULO II	43
As metodologias de investigação no estudo das desigualdades sociais: conhecimento científico, políticas públicas e cidadania	
<i>Manuel Lisboa</i>	
CAPÍTULO III	63
Inquéritos sociológicos e construção do campo de observação	
1. AMOSTRAS	67
Construção de amostras estatisticamente representativas	69
<i>Manuel Lisboa</i>	
Amostra por cachos: o caso do inquérito sobre Saúde e Violência Contra as Mulheres, em 2003	76
<i>Manuel Lisboa e Fátima Miguens</i>	
Amostras emparelhadas: o caso do inquérito sobre o Trabalho Infantil em Portugal, a alunos PIEF e do Ensino Regular, em 2007	85
<i>Manuel Lisboa, Fátima Miguens e Joana Malta</i>	
Amostras para observar fenómenos sociais de difícil acesso: o caso do estudo da mutilação genital feminina em Portugal, de 2015.	90
<i>Manuel Lisboa, Rosário Oliveira Martins e Ana Lúcia Teixeira</i>	
2. QUESTIONÁRIOS	95
Questionários para inquéritos sociológicos	97
<i>Manuel Lisboa</i>	
CAPÍTULO IV	117
Trabalho de campo e recolha de dados	

Administração indirecta em inquéritos sociológicos: o caso do inquérito sobre a violência e género aplicado nos Açores, em 2008 <i>Manuel Lisboa e Dalila Cerejo</i>	121
Os dados administrativos e a recolha de informação a partir de processos em papel: o caso da violência contra as mulheres detectada nos Institutos de Medicina Legal de Coimbra e Porto, em 2000 <i>Manuel Lisboa, Zélia Barroso e Joana Marteleira</i>	127
Futuros passados, futuro ausente ou um terraço para outra coisa ainda? Um ensaio sobre usos da memória, teoria e métodos <i>Paula Godinho</i>	131
CAPÍTULO V	163
Tratamento e análise dos dados	
Análise dos dados de inquéritos sociológicos: estatísticas univariada, bivariada e multivariada <i>Ana Lúcia Teixeira</i>	167
O tempo e as sazonalidades na investigação sociológica: construção e análise de séries temporais em estudos sociológicos sobre a criminalidade participada à Polícia Judiciária (1984-1993) <i>Manuel Lisboa, Nelson Lourenço</i>	243
Análise de Conteúdo: um caso de aplicação ao estudo dos valores e representações sociais <i>Ana Roque Dantas</i>	261
Metodologia de detecção de <i>Indicadores de Expressão Emocional no contexto da violência conjugal</i> <i>Dalila Cerejo</i>	287
Custos económicos com a saúde resultantes da violência doméstica contra mulheres, em Portugal <i>Pedro Pita Barros, Manuel Lisboa, Dalila Cerejo e Eliana Barrenho</i>	313
CAPÍTULO VI	347
Desafios futuros na investigação sociológica: a análise sistémica da complexidade.	
Para uma análise intersistémica da violência de género <i>Manuel Lisboa</i>	349
ANEXOS (em suporte digital – CD)	

CAPÍTULO I

Metodologias de investigação e construção do campo da Sociologia

MANUEL LISBOA

Introdução

O desenvolvimento das metodologias de investigação, e, em particular, da Análise de Dados, como um dos instrumentos mais recentes para o tratamento dos dados, está intimamente associado à formação do campo da Sociologia em Portugal nas últimas cinco décadas.

Este processo sócio-histórico não é independente dos caminhos seguidos pela Sociologia a nível internacional, ainda que aí o arranque tenha sido bem mais cedo do que no nosso país.

Contudo, esta formação tardia da disciplina entre nós, no contexto de um país que sai de uma ditadura para entrar em democracia, vai marcar decisivamente o seu desenvolvimento, tanto no campo teórico como metodológico, constituindo-se como um caso particular com especificidades próprias.

Este capítulo estará mais focado nas dimensões metodológicas, mas não deixará de fazer a articulação com as correntes e sensibilidades teóricas que foram surgindo na Sociologia, assim como com as condições políticas, institucionais e organizacionais que permitiram o seu desenvolvimento entre nós.

Os desenvolvimentos metodológicos da Sociologia têm seguido vários caminhos; uns mais quantitativos, outros mais qualitativos, mas todos importantes para a sua afirmação enquanto ciência. Neste texto, centrar-me-ei nos primeiros, particularmente os do refinamento dos instrumentos da Análise de Dados, através das análises multivariadas.

Este texto está estruturado para responder a três interrogações: como é que a Análise de Dados, particularmente a multivariada, tem contribuído para a construção do campo da Sociologia ao longo da sua história; quais as potencialidades e limitações das principais análises multivariadas para a investigação sociológica; e, finalmente, como é que se formou a área disciplinar da Sociologia em Portugal e de que modo ela está associada ao desenvolvimento das metodologias de investigação quantitativa, particularmente da Análise de Dados

1. Construção do campo da Sociologia e desenvolvimento das metodologias quantitativas desde os fundadores

Por mais instrumentais que sejam as técnicas de investigação, a sua utilização resulta, por um lado, de interrogações que se colocam no plano teórico, e, por outro lado, da necessidade de validar empiricamente essas mesmas interrogações ou hipóteses. Nesse sentido, o debate teórico no seio da Sociologia pode induzir à procura e ao desenvolvimento de novos instrumentos metodológicos.

A aplicação dessas técnicas na investigação estimula-nos a formular novas questões teóricas e a pensar mais linhas de pesquisa, dentro da própria Sociologia ou em articulação com outras ciências.

Trata-se de um processo de construção bidireccional e interativo, que vai-se fazendo ao longo do tempo, com as especificidades de cada contexto, como bem nos mostra a história da Sociologia desde os seus fundadores e confirma a nossa experiência de investigação nas últimas três décadas.

A reflexão que hoje podemos, e devemos, fazer neste domínio consiste em saber interpretar o resultado desse processo sócio-histórico, situando a utilização dos instrumentos de análise multivariada à luz do debate que nas últimas décadas tem atravessado a Sociologia, tanto no plano teórico, como epistemológico e metodológico, nomeadamente nas seguintes vertentes: análise da totalidade *versus* análise das partes; análise das regularidades manifestas *versus* identificação das estruturas ocultas; dados qualitativos *versus* dados quantitativos. Teixeira Fernandes assinala

bem estas encruzilhadas da investigação sociológica, em dois artigos, um de 1992 («A Sociologia e a Modernidade») e outro de 1996 («Alguns desafios teórico-metodológicos»).

Nos últimos cem anos, foi percorrido um longo caminho, tanto no desenvolvimento do campo teórico da Sociologia, como no aprofundamento dos instrumentos metodológicos de pesquisa.

Mesmo tendo em conta que esse desenvolvimento não foi igual em todos os países, como nos mostra Edward Shils (1981), ao assinalar a grande heterogeneidade e desfasamento dos processos, os avanços são evidentes em várias áreas científicas.

Quem diria, há 100 anos, que era possível investigar cientificamente as emoções? Hoje, a Neurociência já tem os desenvolvimentos conceptuais e os instrumentos metodológicos que permitem fazê-lo. O mesmo se passa com a Sociologia. De facto, há um grande avanço, quando comparamos a obra *O Suicídio*, de Durkheim, de 1897, onde só foi possível o cálculo estatístico de uma ou duas variáveis, com o livro *La distinction*, de Bourdieu, de 1979, onde já são analisadas simultaneamente múltiplas variáveis, através da Análise Factorial das Correspondências Múltiplas.

Nesse longo percurso de um século, podemos identificar três grandes fases no desenvolvimento das metodologias de cariz mais quantitativo no âmbito da Sociologia.

A primeira, desde o final do século XIX até aos anos trinta do século XX, é marcada sobretudo pelo aparecimento dos primeiros inquéritos e do tratamento estatístico univariado, e por vezes bivariado, de dados já existentes.

Na segunda fase, desde aquele período até ao final dos anos setenta do mesmo século, assiste-se ao reforço da produção de dados quantitativos e ao ensaio dos primeiros cálculos estatísticos orientados para o estudo de problemas sociais, bem como ao desenvolvimento de técnicas específicas de suporte à investigação sociológica rigorosa e à quantificação univariada e bivariada.

A terceira fase vem dos anos oitenta até aos dias de hoje, onde ganha relevo a necessidade de tratar estatisticamente e simultaneamente múltiplas variáveis, começando a dar resposta às críticas a um positivismo redutor que vinha dos trabalhos anteriores e que analisava apenas duas, ou, no máximo, três variáveis em simultâneo. Hoje, na investigação sociológica, encontramos-nos a esgotar

este modelo e a procurar novas respostas para os desafios que nos são lançados pela análise social de *sistemas complexos*.

Primeira fase: os primeiros inquéritos e as estatísticas oficiais

Nesta primeira fase, deram-se os passos iniciais na produção de dados quantitativos relacionados com problemas sociais. Em alguns países, estes procedimentos vão até à Primeira Guerra Mundial, como é o caso dos Estados Unidos da América. Em outros, pioneiros neste domínio, como a Inglaterra e a Alemanha, começa-se mais cedo.

Os dados quantitativos surgem, desde muito cedo, na obra de alguns sociólogos, de forma dispersa, incipientes e sem grandes desenvolvimentos no tratamento e análise estatística. Os dados são provenientes das estatísticas oficiais ou de inquéritos orientados por preocupações sociais ou morais, que fomentam a construção daqueles. Quando abordarmos a fase seguinte, daremos alguns exemplos desses trabalhos.

Veja-se o exemplo de Karl Marx, em *O Capital* (1865-1894), e de Max Weber, em estudos efectuados na Alemanha sobre a mão-de-obra agrícola e industrial (1892), ou, espaçadamente, na sua obra póstuma (*Economia e Sociedade*, 1922). Estes trabalhos incorporam já dados estatísticos.

Contudo, na Sociologia, é sobretudo Durkheim, em *As Regras do Método Sociológico* (1895), com uma perspectiva fortemente influenciada pelo positivismo da época, que procura definir os caminhos da objectividade e estabelece um conjunto de critérios que irão facilitar a quantificação na investigação sociológica.

Do ponto de vista do recurso a instrumentos quantitativos, é publicado, em 1897¹, *O Suicídio*, onde o autor faz a aplicação de uma estatística essencialmente univariada, excepcionalmente bivariada, a dados recolhidos por outras entidades. Além das contagens simples, do ponto de vista mate-

1 Hanna Selvin e Christopher Bernert (1985) defendem que o texto sobre o suicídio foi publicado antes, em 1888, numa revista francesa, num estudo sobre a felicidade, em que o suicídio é utilizado como indicador contrário a esta. Os autores questionam o rigor estatístico de algumas associações estabelecidas entre variáveis na obra.

mático, ainda se avança no cálculo de percentagens e médias, assim como no ensaio da cartografia de alguns resultados.

Segunda fase: inquéritos sociológicos e índices

No segundo período, é possível identificar duas etapas. A primeira centra-se no reforço da produção de dados quantitativos e no ensaio dos primeiros cálculos estatísticos focados no estudo de fenómenos sociais, bem como no desenvolvimento de técnicas estatísticas específicas para esse fim; na segunda, são utilizadas técnicas estatísticas mais desenvolvidas e relacionadas com a Sociologia (Lazarsfeld, 1970).

Nesta etapa, assiste-se à proliferação de sondagens e inquéritos, incluindo os governamentais, e, mais tarde, à construção de índices e à tentativa de medir as atitudes dos agentes sociais (Guttman e Likert), sobretudo nos Estados Unidos da América, onde o desenvolvimento destes instrumentos metodológicos é mais significativo do que na Europa, a braços com vários conflitos.

A utilização das estatísticas é ainda embrionária nos estudos sociológicos, havendo até algumas resistências à sua aplicação. Os trabalhos de Lazarsfeld serão importantes para estreitar essa relação, ainda que de forma lenta. Veja-se que o primeiro sociólogo conhecido a utilizar um teste de significância estatística foi Robert Merton, apenas em 1940. Esta é uma fase de transição, em que os dados quantitativos recolhidos de vários modos começarão a ser progressivamente incorporados em estudos de natureza sociológica.

Os inquéritos de cariz sociológico foram precedidos por outros, com preocupações administrativas, sociais e morais, que já referimos na fase anterior. Dos primeiros conhecidos, destaca-se o de Charles Booth (1887), sobre a ética protestante associada à pobreza das classes trabalhadoras em Inglaterra. Segue-se o inquérito de Rowntree, sobre a pobreza em York (1897), que procura abranger ainda outras dimensões sociais. Também Bowley e Llewellyn Smith são responsáveis por inquéritos.

Normalmente, estes autores não pertenciam à Academia, ou, quando dela faziam parte, ensinavam outras matérias, como é o caso de Bowley, que, em 1907, era professor de Estatística na

London School of Economics, justamente no período em que é formado o Departamento de Sociologia da escola, apesar de dele não fazer parte.

Estes trabalhos não eram ainda inquéritos com o objectivo de testar hipóteses. Tão pouco tinham qualquer relação com a academia sociológica, que se ia organizando e institucionalizando. E mesmo as novas descobertas da estatística, como a correlação de Pearson, ainda que referidas na obra de Bowley, não foram por este aplicadas.

Todavia, em Inglaterra, os quatro autores referidos afiguraram-se os pioneiros dos inquéritos sobre temas sociais, que se generalizam depois da década de trinta, cada vez mais influenciados pela Sociologia.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, toma-se consciência de que o volume e a multiplicidade de dados entretanto recolhidos pouco acrescentavam ao conhecimento sociológico, uma vez que havia falhas ao nível da explicitação dos conceitos utilizados, o que dificultava a posterior análise rigorosa da relação entre variáveis.

Dá-se então início a uma segunda etapa, que alguns autores designam por *codificação*. Ferdinand Tönnies propôs mesmo que a Sociologia fosse dividida em três partes: a teoria social, a sociologia aplicada e a sociografia, sendo a primeira essencial na explicitação dos conceitos. Na mesma linha, Talcott Parsons defende que as *variáveis-modelo* são fundamentais para a sociologia aplicada (Lazarsfeld, 1970).

Esta etapa é marcada por desenvolvimentos metodológicos conducentes à análise estatística rigorosa das categorias de uma só variável, ou à análise resultante do cruzamento de duas variáveis. Era utilizada, no máximo, uma terceira variável, mas meramente enquanto *variável teste*, destinada a testar a possibilidade de uma relação espúria entre duas variáveis, ou seja, a sua eventual dependência de uma terceira variável (teste).

Progressivamente, começa a tomar-se consciência dos limites das estatísticas bivariadas na análise de fenómenos sociais. Trata-se de uma fase importante no desenvolvimento da investigação sociológica pois, por um lado, procura-se melhorar o rigor na utilização dos instrumentos metodológicos, nomeadamente as técnicas estatísticas de tratamento de dados, e, por outro lado, começa

a tomar-se consciência da necessidade de desenvolver novas ferramentas estatísticas mais adequadas à investigação de fenómenos constituídos por múltiplas variáveis.

Entra-se no que considero ser a terceira fase do desenvolvimento da Análise de Dados, que corresponde ao aparecimento das análises multivariadas de dados qualitativos.

Terceira fase: as análises multivariadas

Apesar de as análises factoriais multivariadas, de dados recolhidos com escalas contínuas, serem já conhecidas nos Estados Unidos desde os anos trinta (Thurstone, 1935 e 1947), os grandes avanços para a investigação sociológica terão lugar mais tarde, com a Análise Factorial das Correspondências Múltiplas (AFCM).

Os desenvolvimentos do matemático francês Benzécri, com a Análise das Correspondências², que faz a primeira conferência de referência sobre este tema no Collège de France em 1963 e publica um livro em 1973, irão ter uma importância considerável na utilização da estatística multivariada pela Sociologia, como pouco mais tarde, em 1979, comprovou Bourdieu, em *La distinction*. Posteriormente, a Escola de Leiden, usando outros algoritmos matemáticos e recorrendo a instrumentos informáticos mais amigáveis para o investigador, irá abrir novas possibilidades na sua utilização na investigação sociológica.

Quando comparada com a Análise das Componentes Principais (ACP), outra técnica de análise de dados multivariada que se destina a variáveis *contínuas*, a Análise das Correspondências, de Benzécri, amplia consideravelmente a utilização da estatística multivariada na investigação sociológica, pois pode ser usada em todo o tipo de variáveis, incluindo as *nominais* e *ordinais*, já que as *métricas* podem ser transformadas nestas. Abre-se, assim, um novo ciclo do desenvolvimento da investigação sociológica.

Como nos diz Henrique Garcia Pereira, autor de referência na introdução da AFCM em Portugal, pela via da Engenharia: «... a Análise das Correspondências Múltiplas (...) revelou-se

2 *Analyse des Correspondances* é a designação inicial de Benzécri.

uma ferramenta utilíssima para ultrapassar (com um considerável poder “explicativo”) o procedimento clássico de “apuramento”, baseado em percentagens e cruzamento de variáveis duas a duas. Em especial, tornou possível o estabelecimento das relações entre as perguntas específicas que são objecto do inquérito e as variáveis de caracterização da população ...» (Carvalho, 2008:10).

Na década de oitenta, vão avivar-se as críticas sobre os limites das metodologias quantitativas clássicas para a análise social; muitas delas provêm mesmo de dentro da Sociologia e vão dando espaço a outras técnicas que privilegiam dados mais qualitativos. A Análise das Correspondências, particularmente a das Correspondências Múltiplas (ACM), permite uma primeira resposta aos limites do quantitativo, ao possibilitar o cálculo estatístico a partir de «qualidades» medidas na sua expressão mais simples, que pode ir até à utilização de um sistema binário (sim-não, presença-ausência). De facto, esta técnica, que é muito avançada quanto aos algoritmos matemáticos usados no cálculo estatístico³, revela-se particularmente adequada no tratamento de dados qualitativos, bem como na articulação entre a análise qualitativa e quantitativa desses dados.

Com a sua utilização, a Sociologia não só amplia as possibilidades de cálculo estatístico, como pode ainda ajudar a descrever relações entre múltiplas variáveis e, complementada com outras técnicas estatísticas, a validar empiricamente hipóteses teóricas com variáveis qualitativas.

Algumas das clivagens produzidas entre as abordagens mais qualitativas e quantitativas tendem a esbater-se, sendo cada vez mais frequente a articulação da AFCM com a ACP e a *Cluster Analysis*.

Igualmente, hoje, o recurso crescente às *mixed methodologies*⁴, a partir da definição de uma estratégia de investigação baseada na articulação de instrumentos quantitativos e qualitativos, desde a construção e recolha dos dados até ao seu tratamento e análise, permite, por exemplo, uma utilização integrada de dados provenientes de inquéritos sociológicos e de entrevistas

3 Em qualquer dos algoritmos matemáticos usados por Benzécri ou pela Escola de Leiden.

4 Ver, por exemplo, o *Journal of Mixed Methods Research*, que começou a ser publicado *on-line* em 2007.

em profundidade. É disso exemplo o estudo efectuado em Portugal sobre os «custos sociais e económicos da violência contra as mulheres», onde a análise dos resultados da Análise Factorial das Correspondências Múltiplas, a partir dos dados de um inquérito sociológico nacional, é articulada com a Análise do Conteúdo das entrevistas em profundidade efectuadas às mulheres vítimas (Lisboa *et al.*, 2006).

Acabámos de percorrer o caminho seguido pela Análise de Dados na Sociologia a nível mundial, desde a fase embrionária, ainda no final do século XIX, até aos dias de hoje. Vejamos agora qual foi o percurso feito em Portugal, ainda que mais curto, e de que modo as análises multivariadas contribuíram para a construção do campo da Sociologia entre nós.

2. Formação da área disciplinar da Sociologia em Portugal e desenvolvimento das metodologias de investigação

A história da construção do campo disciplinar da Sociologia em Portugal é mais recente do que na maioria dos países da Europa Ocidental. Há, contudo, um longo percurso até à sua afirmação plena nos dias de hoje. São várias as periodizações propostas. Retomando os trabalhos de Falcão Machado (1962), Braga da Cruz (1982), Sedas Nunes (1988), Firmino da Costa (1988), Teixeira Fernandes (1996), Pedro Hespanha (1996), Ana Nunes de Almeida (1999 e 2004), Madureira Pinto (2004), Nuno Ferreira (2006) e Hernâni Neto (2013) sugerimos cinco etapas: 1870-1920; 1920-1950; 1950-1974; 1974-1990; 1990-2014.

No primeiro período, de 1870 a 1920, dá-se o reconhecimento da área da Sociologia e a sua inclusão nos quadros de análise da produção de conhecimento (Teixeira Fernandes, 1996 e Falcão Machado, 1962). Em 1878, Teófilo Braga e Júlio de Matos criam a revista *O Positivismo*, que serviu de veículo para as primeiras doutrinas sociológicas. Em 1884, o mesmo Teófilo Braga publica *Systema da Sociologia* (positivismo organicista e evolucionista). Em 1889, é formada a disciplina Princípios Fundamentais de Sociologia e Filosofia, na licenciatura de Direito da Universidade de Coimbra. Em 1910, Léon Poincaré publica *Le Portugal*

Inconnu, que constitui uma das primeiras obras a almejar fazer um retrato sociológico de Portugal.

O segundo período, 1920-1950, é marcado pela repressão da ditadura a todas as áreas de conhecimento que pudessem estar associadas ao termo socialismo; a Sociologia era a disciplina que mais se aproximava. Ainda assim, há casos pontuais de criação institucional da disciplina (Instituto de Serviço Social e Escola Técnica de Enfermagem), mas que não revelam qualquer capacidade de sistematizar o conhecimento sociológico (Hernâni Neto, 2013).

O arranque da Sociologia em Portugal faz-se entre 1950 e 1974, um período onde sobressaem a criação do Gabinete de Investigações Sociais (GIS) e da *Análise Social*, liderados por Adérito Sedas Nunes. É também um marco significativo a constituição do grupo de Bolseiros de Sociologia da Fundação Gulbenkian, junto do GIS – o segundo GIS no dizer de Sedas Nunes –, com licenciados vindos de formações diversas, mas empenhados no desenvolvimento da disciplina em Portugal.

Do ponto de vista do conhecimento sociológico, caracterizam este período a constituição de um *corpus* teórico de sustentação da área, o início do desenho dos princípios metodológicos orientadores da investigação sociológica e a utilização de instrumentos de investigação diversos, muitos deles provenientes de outras ciências sociais.

Reprimida pela ditadura do Estado Novo, o grande desenvolvimento da Sociologia ocorre já depois do 25 de Abril de 1974, com a alteração das condições políticas e a democratização da sociedade portuguesa, como refere Madureira Pinto (2004). Inicia-se, então, uma nova fase, que se estenderá até finais da década de oitenta. É o período da institucionalização, com o surgimento de várias licenciaturas – ISCTE (1974), FCSH/UNL (1979), U. Évora (1979), U. Porto (1986), U. Coimbra (1988), ISCSP (1988), U. Minho (1989) –, a organização de três associações (APSIOT, APS e APPS)⁵ e a criação de centros de investigação (entretanto, o GIS dá lugar ao Instituto de Ciências Sociais, ICS, que integra

5 Associação Portuguesa de Profissionais em Sociologia Industrial, das Organizações e do Trabalho (APSIOT), Associação Portuguesa de Sociologia (APS) e Associação Portuguesa de Profissionais de Sociologia (APPS).

também outras ciências sociais). O desenvolvimento das metodologias começa a fazer-se ao nível da formação base dos futuros sociólogos, com a inclusão de disciplinas específicas nos *curricula* das licenciaturas.

Na fase posterior, da década de noventa até aos nossos dias, fecha-se o arco da institucionalização da Sociologia em Portugal, com o alargamento do ensino ao nível da formação avançada, através da criação de mestrados, doutoramentos e pós-doutoramentos. A investigação conhece, também, um grande desenvolvimento, beneficiando dos financiamentos das políticas públicas, bem como de vários projectos de investigação aplicada, mais orientados para produzir resultados tendo em vista o apoio à definição de políticas, o apoio à decisão e à intervenção social. Igualmente neste período, a profissionalização da actividade de sociólogo permitiu a entrada dos novos profissionais em esferas fora da Academia e da investigação.

Nesta fase, prossegue o desenvolvimento das metodologias na formação base, alargando-se agora aos estudos avançados, de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento. Igualmente, há avanços significativos na utilização de múltiplos instrumentos metodológicos, nomeadamente a análise multivariada de dados, na investigação fundamental e aplicada.

Vejam agora mais de perto quais foram as transformações ocorridas na produção científica no último meio século, e como as metodologias de investigação acompanharam a formação do campo da Sociologia portuguesa, particularmente as de pendor mais quantitativo, como a Análise de Dados. São cinco décadas, desde a fundação da Sociologia, em torno do grupo de investigadores que está na origem da *Análise Social*, nos anos sessenta, passando pela publicação, em 1970, do artigo «Questões preliminares sobre as Ciências Sociais», de Adérito Sedas Nunes, até à pluralidade de escolas e propostas metodológicas actualmente existentes em torno das universidades e dos centros de investigação. Este período corresponde às três etapas distinguidas por Firmino da Costa (1988): os pioneiros, até 1974; a institucionalização do ensino e da investigação, até meados da década de oitenta; e a constituição dos sociólogos em grupo profissional, a partir daí.

Começemos por analisar os artigos da *Análise Social*, já que é a revista mais antiga desta área (1963-2014)⁶. Utilizaremos ainda informação das restantes revistas de Sociologia, que começam a surgir na década de oitenta.

Um estudo de caso: a Análise Social (1963-2014)

Sabemos que a Sociologia portuguesa iniciou-se paredes meias com outras áreas disciplinares, como a Economia, a História e, em alguns casos, a Psicologia Social e a Arquitectura. Hoje, temos uma relativa pluralidade de grupos e escolas, que têm vindo a organizar-se em torno das universidades existentes no país.

A *Análise Social*, inicialmente associada ao GIS e mais tarde ao ICS, tem o horizonte temporal mais amplo entre as revistas de Sociologia portuguesas, permitindo-nos refazer o percurso e identificar os principais traços do desenvolvimento desta ciência social entre nós, também em termos metodológicos. Mais tarde, a partir da década de oitenta, outras revistas servirão de suporte à multiplicidade de vias que, desde então, têm sido exploradas. Consideremos, de seguida, esse percurso de cerca de meio século.

À semelhança do que ocorreu noutros países, também em Portugal o campo da Sociologia se formou tendo como «pano de fundo» preocupações de natureza política. Mesmo considerando que era um campo mal visto e combatido pela ditadura vigente, a *Análise Social* não deixou de reflectir sociologicamente sobre o país, os seus problemas sociais e políticos. Logo no primeiro número, em 1963, Adérito Sedas Nunes abre com um texto intitulado «Introdução ao estudo das ideologias». Este artigo assinala uma tónica política, que irá estar presente na fundação da Sociologia em Portugal, e que se manterá pelo menos até ao final dos anos setenta, já depois do 25 de Abril de 1974.

As preocupações políticas estão igualmente presentes, pela via da Economia Política. De facto, nos números seguintes, nota-se uma presença activa de pessoas provenientes desta área das ciências sociais. Por exemplo, na *Análise Social* n.º3, há três arti-

6 A revista *Economia e Sociologia*, da Universidade de Évora, é fundada em 1965.

gos de Mário Murteira, Alfredo de Sousa e Manuela Silva. Em 1964 (*Análise Social* n.ºs 7-8), publica-se mesmo um número especial dedicado aos «Aspectos Sociais do Desenvolvimento Económico em Portugal», onde Adérito Sedas Nunes escreve um texto fundamental para a compreensão da sociedade portuguesa de então, e ainda de grande actualidade, «Portugal: sociedade dualista em evolução». Do ponto de vista metodológico, este texto, de pendor mais quantitativista, recorre abundantemente a dados estatísticos sobre vários indicadores demográficos, económicos e sociais do país. É de assinalar que, neste número duplo, J.C. Ferreira de Almeida usa dados estatísticos para analisar um fenómeno social («A emigração portuguesa para França: alguns aspectos quantitativos»).

Também a área da Arquitectura figura na revista, com Nuno Portas (*Análise Social* n.º5), que, ao tratar as questões da habitação, começa a analisar temas próximos da Sociologia Urbana.

A abordagem sociológica ainda não era claramente assumida, e só em 1965 (*Análise Social* n.ºs 9-10) surge um texto, de Adérito Sedas Nunes, significativamente intitulado «Uma aproximação à Sociologia», defendendo que mesmo a dimensão económica deveria ser abordada sociologicamente. Este artigo conclui com um capítulo interessante, «Sociologia, Prática e Profecia», que revela os terrenos ainda exploratórios por onde a disciplina se move.

Do ponto de vista metodológico, as abordagens mais frequentes eram de natureza quantitativa, com a análise das estatísticas oficiais, seguindo um procedimento habitual na Economia. Os textos teóricos são mais ensaísticos, ou de reflexão sobre livros e artigos publicados no estrangeiro, alguns simples traduções. É uma fase em que a construção do campo da Sociologia se faz mais pela difusão de textos, que se pensava serem os seus pilares teóricos, podendo também ajudar a cooptar «aderentes e militantes» desta nova área disciplinar. A viragem no sentido de uma maior reflexão sobre a importância das metodologias será progressiva e só começa a ser explícita mais tarde.

O primeiro artigo especificamente dedicado às metodologias surge em 1965 (*Análise Social* n.º11), com a tradução de um texto de Ernest Greenwood, sobre os «Métodos de Investigação Empí-

rica em Sociologia». Trata-se de um texto fundador da metodologia da disciplina, notando-se já alguma preocupação no sentido de acolher a dimensão «quantitativa da medida» e os «estudos de caso». É, no entanto, incipiente do ponto de vista da referência a instrumentos de Análise de Dados.

A nível nacional, a temática da investigação é igualmente abordada, mesmo que de uma forma menos focada na Sociologia, por, entre outros, Mário Murteira («O Planeamento da Investigação Científica nos países em desenvolvimento», na *Análise Social* n.º15, em 1966), ou ainda Armando Trigo de Abreu («Métodos de Análise Regional», *Análise Social* n.º 14, de 1966)⁷.

Segue-se um período em que surgem vários textos de autores que, mais tarde, irão constituir-se como referência na Sociologia portuguesa, por vezes abordando temas consideravelmente diferentes daqueles por que irão ficar conhecidos (Maria de Lurdes Lima dos Santos, Vítor Matias Ferreira, João Ferreira de Almeida, entre outros). Por outro lado, Adérito Sedas Nunes publica vários artigos sobre Educação, sozinho ou em parceria.

Em 1969 (*Análise Social* n.ºs 27-28), Adérito Sedas Nunes e David Miranda publicam «A Composição Social da População Portuguesa: alguns aspectos e implicações», um trabalho fundamental para a compreensão da sociedade portuguesa. É o primeiro estudo que tem a ambição de fazer uma caracterização sociológica da estratificação social em Portugal. Trata-se de uma investigação empírica, baseada em dados estatísticos do Recenseamento da População. Do ponto de vista metodológico, este estudo revela duas dimensões, aparentemente não coincidentes: por um lado, o nível da recolha, tratamento e análise dos dados remete-nos para as fases iniciais do desenvolvimento da Sociologia em países como a Inglaterra e os Estados Unidos da América; por outro, do ponto de vista teórico, a investigação é muito bem sustentada, através de uma revisão bibliográfica consistente e actualizada, sem dúvida ao nível do melhor da produção sociológica da época. De facto, o caso português revela que além da heterogeneidade de processos dos países, de que nos fala Shils (1981), há também dualismos internos em alguns deles,

⁷ Em 1966, no n.º 16, este autor tem um novo texto, intitulado «Uma aplicação dos métodos de análise regional ao Noroeste Português».

nomeadamente, entre o desenvolvimento das teorias e a aplicação das metodologias. Certamente que as limitações políticas existentes em Portugal terão contribuído para a falta de meios, impedindo o recurso a outros instrumentos metodológicos mais robustos na recolha de informação, como os inquéritos sociológicos.

Em 1970 (*Análise Social* n.ºs 30-31), é publicado um artigo de Adérito Sedas Nunes que irá marcar o desenvolvimento das metodologias de investigação sociológica em Portugal até hoje: «Questões preliminares sobre as Ciências Sociais». A sua importância ultrapassa os limites da Sociologia, sendo igualmente uma referência em várias ciências sociais. Este texto significa, para a Sociologia portuguesa, o que o livro *As Regras do Método Sociológico*, de Durkheim, representou para a Sociologia em geral. Faz parte da formação não apenas da metodologia de investigação, mas também da própria disciplina, no seu todo.

De facto, tal como em Comte, e mais tarde em Durkheim, a afirmação da Sociologia como ciência implicava a construção de um sólido edifício metodológico, que ajudasse a sustentar a credibilidade da disciplina. Em 1972 (*Análise Social* n.ºs 35-36), será publicado um número duplo inteiramente dedicado à «metodologia e epistemologia». Destacam-se, neste número:

- Um texto de Manuel Castells, autor muito presente na Sociologia da época em Portugal, pela via da Sociologia Urbana («As novas fronteiras da metodologia sociológica»);
- O artigo «O Inquérito Sociológico: problemas de metodologia», de Marinús Pires de Lima, que iria ser de leitura obrigatória para todos os sociólogos portugueses, nos anos seguintes;
- Um texto de João Ferreira de Almeida e Madureira Pinto sobre a «Significação conotativa dos discursos das ciências sociais»;
- Um texto da Ana Luísa Janeira sobre o «corte epistemológico» e outro de Joaquim Aguiar, mais geral, sobre as ciências sociais;
- Um texto de A. Sedas Nunes, que retoma o «problema do conhecimento nas ciências sociais», a partir dos materiais das experiências pedagógicas;

- E ainda um texto de vários autores (Joaquim Aguiar, Vasco Pulido Valente, Maria de Lourdes Lima dos Santos, Manuela Meneses, José Manuel Rolo), intitulado «Debate sobre “As novas fronteiras da metodologia sociológica”».

Neste período, que abrange toda a década de setenta, entra-se, definitivamente, em uma outra etapa da fundação do campo da Sociologia em Portugal. Agora, e ainda que os artigos teóricos continuem a ter relevância, as metodologias de investigação ascendem ao primeiro plano. Começa a dar-se maior destaque às formalizações metodológicas iniciais, percorrendo as etapas da investigação, as orientações estratégicas, mais quantitativas ou qualitativas, e a proposta de instrumentos de recolha, tratamento e análise de dados.

João Ferreira de Almeida e Madureira Pinto, agora com Maria Eduarda Cruzeiro, retomam as questões metodológicas em 1973 (*Análise Social* n.º 40), com um artigo muito denso em fórmulas matemáticas, sobre a «Causalidade em Ciências Sociais: o modelo de decomposição de Raymond Boudon». Trata-se de um texto cheio de referências estatísticas, e importante para ajudar a formalizar os cálculos com as variáveis então usadas na Sociologia. Em 1975 (*Análise Social* n.ºs 42-43), os dois primeiros autores, já como docentes universitários na área das metodologias, voltam a muitas das questões colocadas no artigo anterior, e elaboram um autêntico manual de investigação sociológica («Teoria e investigação empírica nas ciências sociais»). Curiosamente, estes autores retomam as questões da metodologia de investigação em 1977 (*Análise Social* n.º 52), mas agora para defender as virtudes da «monografia rural» e da «etnologia e sociologia» na análise de colectividades rurais.

Entre alguns dos nomes mais significativos dos sociólogos pioneiros, cedo o qualitativo ganhou, aparentemente, terreno face a um quantitativo com escassos instrumentos operatórios para afirmar-se no campo da Sociologia. Os poucos inquéritos sociológicos realizados neste período tiveram um âmbito muito reduzido, como mostra o que foi efectuado, em Oeiras-Algés, por Sacuntala de Miranda («Insucesso escolar e origem social no ensino primário: resultados de um inquérito na zona escolar de Oeiras-Algés», *Aná-*

lise Social n.º 55, 1978). Os apuramentos estatísticos são escassos, e circunscritos a análises univariadas e bivariadas simples. Mesmo a formalização matemática desenvolvida por João Ferreira de Almeida, Madureira Pinto e Maria Eduarda Cruzeiro, em 1973, ao compararem o modelo de causalidade de Boudon com a análise multivariada, ainda carece de instrumentos informáticos que facilitem os cálculos matemáticos.

Seria preciso mais uma década, com o desenvolvimento de instrumentos informáticos de apoio ao cálculo estatístico e a chegada das análises multivariadas às ciências sociais portuguesas, para que se entrasse em uma nova etapa. Um sinal inequívoco das possibilidades das análises multivariadas na investigação sociológica é dado em 1987⁸, quando Henrique Garcia Pereira, catedrático de Engenharia no Instituto Superior Técnico (IST), e um dos pioneiros da sua introdução em Portugal⁹, publica um artigo intitulado «Tratamento informático de questionários: o ponto de vista da análise factorial das correspondências» (*Análise Social* n.º 98). No Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Luiz Soscka é igualmente um dos pioneiros. Também são relevantes as infraestruturas existentes nos centros de cálculo da Gulbenkian e do Instituto Superior de Economia, onde o *software* e os computadores aí existentes são utilizados por investigadores de várias universidades. Nessa altura, as mesmas técnicas começam também a ser utilizadas por investigadores do Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na UNL. Ainda assim, são muito poucos os sociólogos que utilizam estes novos instrumentos de cálculo estatístico, provavelmente, também, devido ao seu menor à-vontade no uso da Matemática e da Estatística.

Após o 25 de Abril de 1974, as ciências sociais conhecem uma nova dinâmica. Essa nova fase corresponde à criação das licenciaturas de Sociologia em várias universidades e à passagem, em 1982,

8 Também António Arnaud, do Departamento de Informática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, utilizava, desde o início dos anos oitenta do século passado, a Análise Factorial das Correspondências Múltiplas na análise de um inquérito.

9 Ele e o seu grupo de investigadores do Departamento de Minas do IST produzem o primeiro programa informático em Portugal, a correr em PCs, destinado aos cálculos estatísticos e projeções factoriais das Análise das Componentes Principais, Análise das Correspondências e Análise Grupal.

do GIS a ICS. Todavia, e ainda que, em todas as escolas, as metodologias de investigação e a análise estatística dos dados façam parte dos *curricula* escolares, o seu desenvolvimento foi diferente entre elas. No ensino e prática da Sociologia, vão-se afirmando vários grupos de cientistas sociais, ligados a diferentes universidades, usando metodologias e formas de fazer investigação diversas.

Ao nível das revistas, e após o 25 de Abril de 1974, a *Análise Social* continua a ser um espaço editorial de confluência de investigadores de várias áreas e escolas. Contudo, no novo contexto político, nos artigos aí publicados, nota-se uma redução progressiva do tema da Economia e o aumento dos textos com resultados de estudos empíricos no âmbito da Sociologia, da História e, em menor grau, da Antropologia e da Demografia. A Ciência Política, enquanto área autónoma, só aparecerá mais tarde. O ICS, que é responsável pela publicação da *Análise Social*, aumenta consideravelmente a produção sociológica e passa a contar com uma linha editorial própria, para difundir os resultados das suas investigações.

A investigação sociológica começará a estar cada vez mais associada ao desenvolvimento das licenciaturas, e, mais tarde, dos mestrados, doutoramentos e pós-doutoramentos nas várias universidades do país.

Um olhar sobre as escolas de Sociologia

ICS (Instituto de Ciências Sociais)

Ao nível das escolas de Sociologia, a investigação começou a ser desenvolvida em Lisboa e Évora, e mais tarde em Coimbra e no Porto. Tem-se organizado, essencialmente, em torno das universidades – todas têm as disciplinas de metodologias nos *curricula* das suas licenciaturas de Sociologia. A exceção é o ICS, que tem sido, essencialmente, um instituto de investigação, e só numa fase posterior à sua criação integrou o ensino pós-graduado. Nunca teve licenciatura em Sociologia. Porém, esta escola tem dado um contributo importante ao nível do desenvolvimento da Análise de Dados, quer pela via da investigação, quer pela da formação, nos programas pós-graduados, de mestrado e doutoramento. Entre

outras aplicações, refiram-se as análises multivariadas, particularmente a AFCP. Neste domínio, destacam-se os trabalhos de um grupo de investigadores próximos da Psicologia Social.

Em 1993, a *Análise Social* publica os resultados de um estudo (inquérito a 211 estudantes universitários de Lisboa) dirigido por Jorge Vala e António Caetano («Atitudes dos estudantes universitários face às novas tecnologias de informação: construção de um modelo de análise», *Análise Social* n.º 122, pp. 523-553). É um dos primeiros trabalhos publicados na revista em que é utilizada a Análise Factorial das Componentes Principais. Nos anos seguintes, serão publicados vários trabalhos de Jorge Vala, com a utilização de técnicas estatísticas multivariadas; o primeiro, com a *path analysis*, logo em 1997, tem o título «Representações sociais e percepções intergrupais» (*Análise Social* n.º140, pp. 7-29).

Em 1994, Manuel Villaverde Cabral, também do ICS, dirige um inquérito de âmbito nacional, sobre «Grupos de simpatia partidária em Portugal: perfil sociográfico e atitudes sociais». Para a Sociologia portuguesa, e a par dos inquéritos dirigidos pela equipa da FCSH da Universidade Nova, este trabalho é de grande relevância, uma vez que tem uma dimensão nacional e contém dados que depois serão objecto de tratamento e análise sociológica. Ao nível da Análise de Dados, os apuramentos estatísticos são, no entanto, bastante elementares, univariados e bivariados.

Progressivamente, a afirmação do campo da Sociologia vai-se fazendo em várias escolas, que polarizam alguns grupos de investigadores com características próprias, algumas vezes diversos dentro de cada uma.

ISCTE-IUL

O ISCTE-IUL, inicialmente designado por Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, sediado em Lisboa, é pioneiro, com o desenvolvimento de um grupo forte e diversificado, que cria uma licenciatura em Sociologia em 1974¹⁰.

10 É conhecida a disputa com a Universidade de Évora sobre qual foi a primeira escola de Sociologia em Portugal (Machado, 2009).

Desde esses anos iniciais, e ao nível das metodologias de investigação, foi possível notar algumas variações até aos dias de hoje. João Ferreira de Almeida, Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e, a partir de 1985, Anália Torres têm, a esse nível, um papel relevante. No início, e ainda que coexistissem diferentes abordagens, a dominante parecia ser marcada pelo sinal dado anteriormente por João Ferreira de Almeida e Madureira Pinto, que pendia mais no sentido do qualitativo, ou de uma reflexão teórica nas fronteiras da epistemologia.

Naturalmente, as metodologias de cariz mais quantitativo também iam sendo desenvolvidas no ISCTE. É disso exemplo um inquérito dirigido por Firmino da Costa, Fernando Luís Machado e João Ferreira de Almeida a estudantes universitários («Estudantes e amigos – trajetórias de classe e redes de sociabilidade», *Análise Social*, n.ºs 105-106, 1990). O apuramento dos dados é feito, essencialmente, com estatísticas univariadas e bivariadas. Só mais tarde (2002) surge um trabalho daquele tipo, de Rosário Mauritti, que aplica à escala nacional um questionário ensaiado por João Ferreira de Almeida, Firmino da Costa e Fernando Luís Machado para os estudantes do ISCTE.

Hoje, o peso das análises quantitativas com o recurso às análises multivariadas é claramente confirmado, com a constituição, no ISCTE, de um Departamento de Métodos de Pesquisa Social, que, entre outras pessoas, conta com Helena Carvalho, cuja tese de doutoramento é sobre a utilização da Análise das Correspondências Múltiplas na investigação sociológica, seguindo a proposta da escola de Leiden.

Do ponto de vista da divulgação de resultados de investigações, a revista mais emblemática do ISCTE surge em 1986: *Sociologia, Problemas e Práticas*. Mesmo não estando circunscrita à produção dos investigadores do ISCTE, a linha editorial reflecte, naturalmente, a política científica do CIES¹¹. Os três primeiros anos (1986-1987-1988) ainda revelam um pendor pouco quantitativo dos artigos. Se compararmos estes três anos da fundação com 2011-2012-2013, verificamos que a percentagem dos artigos com

11 Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, que é o principal centro de Sociologia do ISCTE-IUL.

análises de dados quantitativas aumentou de 23,9% para 36,5%, (11 em 46 e 32 em 639), e que as análises de dados multivariadas passaram de 0% para 7,9% (5).

FCSH-UNL (Faculdade de Ciências Sociais e Humanas)

Uma outra escola pioneira na utilização da Análise de Dados, particularmente das análises multivariadas, é a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), da Universidade Nova de Lisboa, no Departamento de Sociologia. É, também, umas das primeiras escolas a abrir a licenciatura em Sociologia, em 1979.

No Departamento de Sociologia, a Sociologia vai-se desenvolvendo entre a Demografia e a História, e desde cedo não se enjeitam as abordagens quantitativas. Creio mesmo que os trabalhos aí realizados neste domínio têm sido uma das suas marcas de referência distintiva em relação a outras escolas, ao nível da crítica das fontes, do desenvolvimento de instrumentos de recolha de dados, bem como do seu tratamento e análise, com destaque para as técnicas estatísticas multivariadas. De facto, em 1985, foi realizada neste Departamento de Sociologia a primeira AFCM efectuada em Portugal e destinada à investigação sociológica¹²; a sua aplicação tem sido continuada em múltiplas investigações, até aos dias de hoje.

A título de exemplo, e no que diz respeito às metodologias mais quantitativas, refira-se que é no Departamento de Sociologia da FCSH que começam a construir-se as primeiras séries estatísticas nacionais no âmbito da Sociologia do Crime e da Violência, com destaque para o estudo da *sazonalidade da criminalidade* participada às polícias e a construção de indicadores de insegurança – estudos coordenados, cientificamente, por Nelson Lourenço e, metodologicamente, por Manuel Lisboa. Do mesmo modo, são aí feitos os primeiros inquéritos sociológicos de âmbito nacional sobre os mesmos temas: os inquéritos de vitimação, incluindo o primeiro inquérito nacional da violência exercida contra as mulheres (1995); os das «representações da violência» (1990 e 1995);

12 Utilizando os dados de Harry Makler, sobre a «Elite dos industriais portugueses», Manuel Lisboa, com o apoio de Luiz Sozca, realiza, nos computadores do LNEC, uma AFCM, segundo o modelo e o algoritmo matemático de Benzécri.

e o do «sentimento de insegurança» (1995), sob a orientação científica de Nelson Lourenço e metodológica de Manuel Lisboa.

Mais tarde, procede-se à recolha, tratamento e análise dos dados administrativos sobre a violência contra as mulheres, a partir dos processos existentes nos Institutos de Medicina Legal, nos hospitais e nas polícias. Acrescentem-se três inquéritos sobre os «custos económicos e sociais da violência contra as mulheres» (2002, 2005 e 2007), onde a área da Saúde teve um particular destaque, mais dois sobre a «violência de género» (2007 e 2008), abrangendo homens e mulheres, assim como um outro sobre o «policciamento de proximidade» (2006) e ainda um, de menor dimensão, sobre a mutilação genital feminina (2015). Estes estudos, coordenados por Manuel Lisboa, assumiram um cunho pluridisciplinar, contando com a colaboração de outras áreas disciplinares, como a Medicina, Psicologia, Direito, Antropologia e Economia. Ainda que com um pendor essencialmente quantitativo, em alguns destes estudos são feitas as primeiras abordagens com recurso às *mixed methodologies*, combinando os dados das estatísticas oficiais, dos inquéritos sociológicos, das fontes administrativas e das entrevistas em profundidade, como por exemplo na «mutilação genital feminina em Portugal» (2015), na abordagem da violência de género a partir da Sociologia das Emoções («Rupturas, emoções e sentimentos e desigualdades de género», em 2011).

Acrescentam-se ainda os inquéritos nacionais na área da Sociologia Económica, sobre a «inovação e liderança», também coordenados por Manuel Lisboa, e sobre o «consumo do álcool e de substâncias psicoactivas», coordenados por Casimiro Balsa, e acerca das «Forças Armadas», coordenado por Luís Baptista. Na maioria destes trabalhos, são utilizadas não só as estatísticas univariadas e bivariadas, como as análises multivariadas, particularmente a ACM e a AFCP. Em outros, como nos dos custos da violência contra as mulheres, estas técnicas quantitativas são combinadas com metodologias qualitativas, como as entrevistas em profundidade (2006).

Nas outras principais escolas de Sociologia do país, nomeadamente nas universidades de Coimbra, do Porto e do Minho, a situação é semelhante quanto à articulação do ensino graduado e pós-graduado com a investigação. No que se refere à utilização de metodologias de cariz quantitativo, ela é mais tardia.

Na Universidade de Coimbra, os sociólogos sediados na Faculdade de Economia e organizados em torno do CES (Centro de Estudos Sociais), numa primeira fase, continuam a privilegiar as abordagens mais teóricas, ou, do ponto de vista empírico, a recorrer a fontes documentais ou a abordagens mais qualitativas de estudos de caso e entrevistas. O quantitativo tinha sobretudo a dimensão das séries económicas; veja-se a tese de Carlos Fortuna, sobre o *Algodão de Moçambique (1860-1960)*. Em 1996, no livro publicado sobre os tribunais, Boaventura de Sousa Santos e outros dão-nos conta de uma «sondagem à opinião pública sobre o funcionamento dos tribunais», mas ainda não era bem um inquérito sociológico. O tom mais qualitativo desta escola continua até aos dias de hoje, sendo significativo que, dos 66 artigos publicados na *Revista Crítica de Ciências Sociais*, que constitui uma referência da escola, em 2011, 2012 e 2013, só 11 utilizaram as análises de dados estatísticas, sendo uma multivariada.

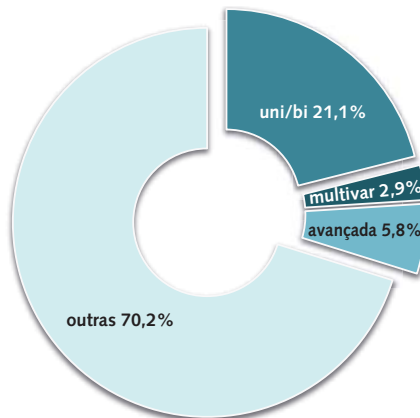
Situação semelhante encontramos na Sociologia da Faculdade de Letras e do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, onde se nota a presença forte de Teixeira Fernandes, João Teixeira Lopes, e Carlos Gonçalves, e, na Faculdade de Economia, de Madureira Pinto e Augusto Santos Silva. Se utilizamos como indicador os artigos da revista *Sociologia*, da Faculdade de Letras da UP, que, sem ser exclusiva da escola, é dela muito representativa, dos 61 artigos publicados no mesmo período (2011-2013), só 17 recorrem a instrumentos estatísticos, sendo um multivariado.

Com a difusão da Sociologia por várias universidades (Porto, Minho, Trás-os-Montes, Beira Interior, Évora, Algarve e Açores, para não falar nas universidades privadas), as práticas ao nível das metodologias de investigação também vão diversificando-se, conforme as correntes sociológicas e a proximidade com outras áreas disciplinares.

Hoje, cada escola contém em si uma pluralidade de propostas metodológicas, que não se esgotam num único modelo. Em termos globais, e se pretendermos fazer um balanço da contribuição das metodologias quantitativas para o desenvolvimento da Sociologia nos últimos cinquenta anos, verificamos que ela só foi significativa ao nível dos instrumentos de cálculo mais simples – univariados e bivariados –, justamente aqueles que são relativamente limitados para analisar realidades sociais complexas a partir de múltiplas variáveis.

Se tomarmos como referência os artigos publicados, a nível nacional, nas principais revistas da área da Sociologia, como a *Análise Social* (ICS), a *Sociologia Problemas e Práticas* (ISCTE), a *Revista Crítica de Ciências Sociais* (CES de Coimbra), o *Fórum Sociológico* (FCSH da Universidade Nova de Lisboa) e a *Sociologia* (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), é possível concluir que, apesar de algum crescimento desde a fundação das revistas, o número de artigos que utiliza técnicas de análise de dados quantitativos é pouco expressivo, particularmente no que se refere às análises multivariadas. De facto, como pode verificar-se no gráfico seguinte, dos 275¹³ artigos publicados naquelas revistas, em 2011, 2012 e 2013, a maioria não utiliza técnicas estatísticas (70,2%). Nos que recorrem à quantificação, 21,1% fazem-no com uma estatística univariada e bivariada simples, 5,5% com instrumentos estatísticos mais avançados (Análise da Regressão Simples, ANOVA, construção de índices, Análise de Redes) e somente 2,9% com análises multivariadas (AFCP e ACM).

Produção das principais revistas de Sociologia (2011-2012-2013)



Fonte: *Análise Social* (ICS-UL), *Sociologia Problemas e Práticas* (ISCTE-IUL), *Revista Crítica de Ciências Sociais* (CES-UC), *Fórum Sociológico* (FCSH-UNL) e *Sociologia* (FL-UP)

¹³ Não foram contabilizados 16 artigos do n.º 200, em 2011, da *Análise Social*, pois tratou-se de um número comemorativo, com entrevistas e depoimentos.

Com o desenvolvimento dos meios informáticos e a realização de inquéritos sociológicos, de âmbito nacional e internacional, têm vindo a abrir-se novas oportunidades para o uso de instrumentos mais robustos e inovadores, do ponto de vista do cálculo estatístico, dependendo a sua utilização dos meios financeiros para pô-los em prática. Nos últimos anos, o acesso a bases de dados internacionais, como as das estatísticas do Eurobarómetro e do *European Social Survey*, tem permitido alargar as possibilidades de cálculo estatístico no estudo de fenómenos sociais, nomeadamente das análises multivariadas (Jorge Vala (2010), Anália Torres (2009, 2012), João Ferreira de Almeida (2013) e Rui Brites (2012), entre outros). São disso exemplo o livro de João Ferreira de Almeida (2013), sobre as desigualdades sociais, ou os dados do inquérito da FRA (*Fundamental Rights Agency*) (2013), relativo à violência contra as mulheres na Europa.

Conclusão

As análises de dados univariada e bivariada situam-se no conjunto de respostas metodológicas que a Sociologia foi oferecendo ao longo dos últimos 50 anos.

As possibilidades oferecidas pela Análise das Correspondências (AC), de Benzécri, no último quartel do século XX, ou da Escola de Leiden, mais recentemente, e os desenvolvimentos da Análise das Componentes Principais (ACP) e da *Cluster Analysis* constituem um contributo significativo para superar algumas das dificuldades da segmentação dos objectos de estudo em uma ou duas variáveis, e para caminhar no sentido de abordagens mais abrangentes e controladas estatisticamente.

Todavia, o caminho percorrido é ainda insuficiente, sobretudo se pretendermos estudar o social como um «sistema complexo e adaptativo», heterogéneo quanto à natureza das variáveis envolvidas, e que está em interacção com outros sistemas. De facto, vão surgindo novas exigências, do ponto de vista da análise da complexidade dos fenómenos sociais, bem expressas nas mais recentes abordagens sistémicas, que aconselham a aprofundar as análises multivariadas já existentes. Os resultados de algumas investiga-

ções têm obrigado a questionar, não só os limites teóricos em que assentam as análises sociológicas habitualmente feitas, mas, também, as metodologias utilizadas.

As linhas orientadoras da reflexão são várias: o tempo e a génese dos fenómenos sociais; a sua dimensão intersistémica, que conduz, por exemplo, a uma reanálise da relação entre a Sociologia e as outras ciências; a necessidade de ter em consideração um número cada vez maior de variáveis, de natureza diversa e provenientes de diferentes sistemas; e, também, a importância de articular as análises descritivas e compreensivas. A título de exemplo, poderemos começar por referir o desenvolvimento de metodologias de investigação que facilitem a análise dos fenómenos sociais, onde intervêm dimensões e variáveis diferentes, com um forte enraizamento estrutural, que mudam lentamente, e cuja observação, no curto prazo, é sempre incompleta – como ocorre com as mentalidades e as práticas sociais delas decorrentes. Fazem parte deste tipo de fenómenos os papéis sociais, os valores e modelos que produzem e reproduzem, ao longo do tempo, as desigualdades de género, cuja dimensão estrutural está subjacente à manutenção da violência exercida contra as pessoas vítimas deste tipo de discriminação.

Igualmente, o estudo de áreas sociais de fronteira também dificilmente escapará à construção de metodologias e instrumentos de pesquisa que estejam filiados em uma única área disciplinar. Fazem parte deste domínio algumas das abordagens recentes sobre a acção social em contextos de risco e de incerteza, onde é necessária a colaboração de outras áreas científicas fora das ciências sociais e humanas, como é o caso da Neurociência. Aliás, a articulação da Sociologia com as ciências físicas, como a Biologia e a Geografia, é hoje incontornável, por exemplo, nos estudos sobre Território e o Ambiente.

Parece que algumas das velhas teorias disciplinares, ainda que necessárias, já não são suficientes para compreender e explicar novos fenómenos sociais, agora construídos a partir de outros paradigmas. A esse nível, verifica-se um certo impasse, também nas metodologias de investigação. Faltam instrumentos de pesquisa, a começar por conceitos, meios de observação e de tratamento e análise de dados, que permitam investigar a acção dos

actores sociais numa perspectiva mais holística, menos segmentada e predefinida.

Hoje, com as abordagens sistémicas e a procura de instrumentos rigorosos para estudar sistemas complexos e adaptativos, como os sociais, as análises multivariadas podem ser combinadas com outras ferramentas metodológicas, como os modelos de simulação, que também permitem combinar variáveis quantitativas e qualitativas, e de natureza diversa¹⁴.

Trata-se de um novo desafio, que vai obrigar os sociólogos a moverem-se «(...) para fora da sua zona de conforto, à procura das margens da disciplina e a (...) explorar novos terrenos intelectuais (...) buscando a colaboração de outras ciências sociais (...)» (Castellani e Hafferty, 2009, p. 165).

Bibliografia

Fontes primárias:

Análise Social, n.ºs 1-209, 1963 – 2013, ICS.

Forum Sociológico, n.ºs 1-23, 1992 – 2013, CesNova, FCSH/UNL.

Sociologia Problemas e Práticas, n.ºs 1-73, 1986 – 2013, CIES, ISCTE.

Revista Crítica de Ciências Sociais, n.ºs 1-102, 1978 – 2013, CES, FE/UC.

Sociologia, n.ºs 1-26, 1991 – 2013, Faculdade de Letras/UP.

European Social Survey (6.ª ronda, edição 2.0, 2012).

Inquérito *Saúde e Violência contra as Mulheres* (2003), SociNova/CesNova, da FCSH/UNL.

Programas das disciplinas de Análise de Dados das licenciaturas em Sociologia nas seguintes escolas universitárias: ISCTE, FCSH/UNL, ISCSP, Faculdade de Economia/UC, Faculdade de Letras/UP e ICS/UM.

Fontes secundárias:

ÁGOAS, Frederico (2013). «Narrativas em perspetiva sobre a história da sociologia em Portugal», in *Análise Social*, XLVIII (206), pp. 221-256.

ALASUUTARI, Pertti; BICKMAN, Leonard & BRANNEN, Julia (eds.) (2008). *Social Research Methods*. London: Sage.

14 Na linha do que tem vindo a ser praticado por uma equipa de investigação do CICS. NOVA/FCSH, em articulação com o RC51 – Research Committee 51 on Socio-cybernetics, International Sociological Association (ISA).

- ALMEIDA, João Ferreira (2013). *Desigualdades e Perspectivas dos Cidadãos — Portugal e a Europa*. Lisboa: Mundos Sociais.
- ALMEIDA, João Ferreira; PINTO, José Madureira & CRUZEIRO, Maria Eduarda (1973). «A propósito do problema da causalidade em ciências sociais: o modelo de decomposição de Raymond Boudon», in *Análise Social*, X (40), pp. 734-777.
- ALMEIDA, João Ferreira & PINTO, José Madureira (1975). «Teoria e investigação empírica nas ciências sociais», in *Análise Social*, XI (42-43), pp. 365-445.
- ALMEIDA, João Ferreira & PINTO, José Madureira (1986). «Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais», in Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.). *Metodologias das Ciências Sociais* Porto: Afrontamento, (pp. 55-78).
- BULMER, Martin (ed.) (1985). *Essays on the History of British Sociological Research*. London: Cambridge University Press.
- CAETANO, António & VALA, Jorge (1993). «Atitudes dos estudantes universitários face às novas tecnologias de informação: construção de um modelo de análise», in *Análise Social*, XXVIII (122), pp. 523-553.
- CARVALHO, Helena (2008). *Análise Multivariada de Dados Qualitativos*. Lisboa: Ed. Sílabo.
- CASTELLANI, Brian & HAFFERTY, Frederic (2009). *Sociology and Complexity Science*. Berlin: Springer-Verlag.
- BENZÉCRI, J. (1976). *L'Analyse des Données*, 2 vols. Paris: Ed. Dunod (1.ª edição 1973).
- BOURDIEU, Pierre (1979). *La distinction*. Paris: Les Editions de Minuit.
- CIBOIS, Philippe (1984). *L'analyse des données en sociologie*. Paris: PUF.
- DURKHEIM, Émile (1980). *As Regras do Método Sociológico*. Lisboa: Presença, tradução (1.ª edição 1895).
- DURKHEIM, Émile (1977). *O Suicídio*. Lisboa: Presença (1.ª edição 1897).
- FERNANDES, A. Teixeira (1992). «A Sociologia e a Modernidade», in *Sociologia*, série I, vol. 2, pp. 7-28.
- FERNANDES, A. Teixeira (1996). «Alguns desafios teórico-metodológicos», in *Sociologia*, série I, vol. 6, pp. 193-212.
- HEIMER, Franz-Wilhelm; VALA, Jorge & VIEGAS, José M. L. (1990). «Padrões de cultura política em Portugal: atitudes em relação à democracia», in *Análise Social*, XXV (105-106), pp. 31-56.
- LAZARSFELD, Paul (s/d). *A Sociologia*. Lisboa: Bertrand, (traduzido de “Sociologie”, in *Tendances Principales de la Recherche dans les Sciences Sociales et Humaines*. Paris: Mouton, 1970).

- LISBOA, Manuel (2002). *A indústria Portuguesa e os seus dirigentes*. Lisboa: Educa.
- LISBOA, Manuel; CARMO, Isabel; VICENTE, Luísa; NÓVOA, António; BARROS, Pedro P.; ROQUE, Ana; SILVA, Sofia; FRANCO, Luísa & AMÂNDIO, Sofia (2006). *Prevenir ou Remediar — os custos sociais e económicos da violência contra as mulheres*. Lisboa: Ed. Colibri.
- MACHADO, Fernando Luís (2009). «Meio século de investigação sociológica em Portugal — uma interpretação empiricamente ilustrada», in *Sociologia*, 19, pp. 283-343.
- NUNES, Adérito Sedas (1970). «Questões preliminares sobre as ciências sociais», in *Análise Social*, VIII (30-31), pp. 201-298.
- PEREIRA, Henrique G. & SOUSA, António (1988). *Análise de Dados para o Tratamento de Quadros Multidimensionais* (Textos de apoio ao Curso Intensivo de Análise de Dados — Jul.88). Lisboa: Instituto Superior Técnico.
- PEREIRA, Cícero; VALA, Jorge & COSTA-LOPES, R. (2010). «From Prejudice to Discrimination: The Legitimizing Role of Perceived Threat Indiscrimination Against Immigrants», in *European Journal of Social Psychology*, 40, pp. 1231-1250.
- PINTO, José Madureira (2004). «Formação, Tendências recentes e Perspectivas de Desenvolvimento da Sociologia em Portugal», in *Sociologia, Problemas e Práticas*, 46, pp. 11-31.
- PLATT, Jennifer (1996). *A History of Sociological Research Methods in America, 1920-1960*. Cambridge: Cambridge University Press.
- TORRES, Anália & CAPUCHA, Luís (2009). «Do European Values have a sex?», in Maria das Dores Guerreiro (Ed.), *Welfare and Everyday Life, Portugal in the European Context*, Vol.III, CIES, ISCTE-IUL, Celta Editora, (pp. 37-72).
- TORRES, Anália; COELHO, Bernardo; CARDOSO, Inês & BRITES, Rui (2012). «A Mysterious European Threesome: Work-care Regimes, Policies and Gender», in *International and Multidisciplinary Journal of Social Sciences*, 1 (1), pp. 31-61.
- VALA, Jorge (1986). «A Análise de Conteúdo», in Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto (orgs.), *Metodologias das Ciências Sociais* (pp. 101-128). Porto: Afrontamento.
- VALA, Jorge (1997). «Representações sociais e percepções intergrupais», in *Análise Social*, XXXII (140), pp. 7-29.
- VELOSO, Hernâni (2013). «Principais estádios evolutivos da sociologia em Portugal», in *Sociologia*, XXVI, pp. 37-59.

Esta obra aborda questões metodológicas e epistemológicas cruciais para o desenvolvimento da investigação sociológica actual. Ela traduz um momento de síntese do conhecimento sobre as metodologias no campo da Sociologia e faz uma meta-reflexão a partir dos problemas e soluções encontradas em mais de duas dezenas de investigações empíricas. Inclui estudos com diferentes âmbitos geográficos (nacional, regional e local), centrados na actualidade ou recuando no tempo sempre que necessário, com abordagens metodológicas variadas (qualitativas, quantitativas e mistas) e que recorrem a escalas de observação distintas (macro, meso e micro). Este livro de metodologia não pretende substituir os manuais já existentes, não repetindo as questões aí abordadas. Ele deve ser entendido como um instrumento metodológico complementar, com questões e temáticas que resultam da experiência de pesquisa, na área das Ciências Sociais, de uma ampla e pluridisciplinar equipa de investigação, ao longo dos últimos 25 anos. Ele percorre as principais fases e momentos da pesquisa, esperando-se que constitua um instrumento útil para estudantes, investigadores e investigadoras.



ISBN 978-989-755-223-6



9 789897 552236